

O ensino de História pelos “Olhares de Lori Figueiró – desde o chão do Jequitinhonha”

The Teaching of History through “The gaze of Lori Figueiró – from the ground of Jequitinhonha”

Guilherme Henrique da Silva¹
Elizabeth Aparecida Duque Seabra²

Resumo: Este artigo apresenta reflexões em torno de uma ação de extensão cujo objeto foi a curadoria de uma exposição de fotografias do artista diamantinense Lori Figueiró, denominada “Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha”. A montagem e a mediação da exposição promoveram o reconhecimento da pluralidade de histórias, trajetórias, saberes e modos de vida do Vale do Jequitinhonha, bem como possibilitaram outras formas de ver e compreender o chamado Nordeste Mineiro. A exposição é um trabalho fronteiro que contribui para a educação das sensibilidades e o ensino de História, campo de pesquisa que tem fomentado discussões, práticas e espaços para a consolidação de uma educação plural, transgressora, acolhedora e significativa a partir do intercâmbio de experiências na formação docente.

Palavras-chave: Ensino de História; Lori Figueiró; Vale do Jequitinhonha.

Abstract: This article is the result of perceptions surrounding the extension project “Olhares de Lori Figueiró – Desde o Chão do Jequitinhonha” (Lori Figueiró’s Gaze – From the Ground of Jequitinhonha), which promoted the recognition of the plurality of stories, trajectories, knowledge, and ways of life in the Jequitinhonha Vale through the exhibition of the work developed by the photographer from Diamantina, Lori Figueiró. This project enables other ways of seeing and understanding the so-called northeastern region of Minas Gerais. Therefore, it is a boundary-breaking work that inhabited the traditional educational space, bringing popular knowledge and practices and contributing to education for sensitivities and history education. This field has been fostering discussions, practices, and spaces for the consolidation of a plural, transgressive, welcoming, and meaningful education through the exchange of experiences.

Keywords: Teaching of History; Lori Figueiró; Vale do Jequitinhonha.

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal de Sergipe (USF). Doutorando em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação.

² Doutora em Educação. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Professora Adjunta III.

Contribuições de um olhar

Este artigo explora a exposição “Olhares de Lori Figueiró – Desde o Chão do Jequitinhonha” e suas implicações para o ensino de História. O Projeto de Extensão teve por objetivo promover o diálogo com as diversas histórias, trajetórias, saberes e modos de vida do Vale do Jequitinhonha por meio da exposição do trabalho do fotógrafo Lori Figueiró. Buscou ainda oferecer perspectivas alternativas e uma compreensão mais profunda da Região Nordeste de Minas Gerais.

Consideramos o ensino de História como um campo situado entre a História e a Educação, por entendermos ele como um espaço que se constitui de narrativas plurais, que entrelaçam os saberes históricos aos saberes formais e não formais, aos conhecimentos produzidos fora e dentro das instituições de ensino. Ao se aventurar para além dos limites da educação tradicional, esse projeto de ruptura de fronteiras trouxe saberes e práticas populares, contribuindo para uma educação mais inclusiva e significativa. Ele também promoveu a sensibilidade e estimulou discussões, práticas e formação de espaços para a consolidação de uma abordagem pluralista e transgressora do ensino de História. Por meio da troca de experiências, o projeto procurou desenvolver uma educação acolhedora e significativa para os alunos.

As fotografias de Lori Figueiró serviram de catalisador para essas experiências educacionais transformadoras. Ao captar a essência do Vale do Jequitinhonha e de sua gente, o projeto trouxe um novo olhar sobre a história da região, assim como incentivou os/as estudantes a explorar diferentes narrativas, desafiar noções preconcebidas e desenvolver uma compreensão mais ampla das complexidades da região.

A ênfase do projeto se deu na intersecção entre arte, história e educação, abrindo novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Ao incorporar o conhecimento popular e se envolver com diversas perspectivas, o projeto tentou criar um ambiente educacional inclusivo e capacitador. A troca de experiências nesse contexto enriqueceu o processo educacional e ajudou a moldar uma compreensão mais holística e abrangente da história.

O projeto “Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha” representa uma valiosa contribuição para o ensino de História. Ao incorporar o olhar de Lori Figueiró e as diversas histórias do Vale do Jequitinhonha, ele incentivou uma abordagem mais pluralista, transgressora e significativa da educação, levando os alunos a desenvolver suas sensibilidades, desafiar narrativas estabelecidas e se relacionar criticamente com a História.

Uma exposição em curso

A exposição do fotógrafo e colecionador Lori Figueiró apresentou à comunidade de Diamantina e ao público discente, docente e técnico-administrativo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), aos professores e às professoras da Educação Básica e aos/as estudantes das escolas públicas e particulares de Diamantina e região seu mais recente trabalho. A mostra realizada de 25 de julho a 25 de agosto de 2022 na Ágora do Centro de Humanidades da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, composta de 43 telas, sintetiza em imagens e objetos o Vale do Jequitinhonha por meio de pessoas e suas histórias. Essa ação de extensão foi realizada pelo Laboratório de Pesquisas e Fazeres Históricos nos Vales (Laborales), vinculado ao curso de Licenciatura em História, por meio do projeto História das Gerais: olhares para além das Minas, e apoiada pelo Programa de Apoio ao Ensino de Graduação (Proae) da UFVJM e pela Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH). Sua intenção foi discutir os entrelaçamentos entre as diferentes narrativas históricas e os patrimônios culturais em Minas Gerais, criando identidades em cenários que se alteram num jogo de escalas, conforme demandas advindas tanto da esfera nacional quanto das particularidades regionais.

A exposição contribuiu para a consolidação e construção da identidade do curso de História, localizado em Diamantina, cidade com suas particularidades e complexidades, mas ainda com poucas reflexões sobre a diversidade do território do Vale do Jequitinhonha. Além disso, em conformidade com o previsto pelo projeto que orienta as ações do Laborales, o objetivo central da montagem e mostra de Lori Figueiró foi contribuir para a formação discente, possibilitando, dessa forma, o contato com fontes históricas visuais e materiais. Da mesma maneira, a ação de extensão se configurou como espaço de divulgação e circulação de saberes históricos produzidos em atividades de extensão dos/as docentes e discentes do curso de História da UFVJM. A exposição foi direcionada, tendo alcançado um público de visitantes amplo e diversificado da comunidade externa à universidade.

A divulgação e o direcionamento focaram na formação e consolidação de uma demanda por visitas e exposições existente no seguinte público-alvo: estudantes e docentes da Educação Básica das redes municipal, estadual e particular, do Colégio Militar, do Instituto Federal do Norte de Minas, da Universidade Estadual de Minas Gerais, bem como visitantes e turistas. Esse público foi mobilizado pela divulgação em redes sociais e cartazes impressos espalhados junto ao comércio e pontos de ampla circulação em Diamantina. O evento ocorreu também em concomitância ao XXII Encontro Regional de História da Associação Nacional de História, que congregou

professores/as de História universitários, da Educação Básica e estudantes de Pós-Graduação do estado de Minas Gerais.

Os objetivos do projeto de extensão foram agrupados em quatro momentos formativos que visam a: 1 – interação da comunidade universitária com a comunidade externa, de modo a contribuir para a formação dos/as discentes envolvidos na ação e transformação social junto à comunidade externa por meio da apresentação e recepção da obra de Lori Figueiró; 2 – compreensão do processo de concepção e montagem da exposição, elaborando um planejamento estratégico considerando os aspectos da formação da equipe por meio de oficinas, estudos, registros e divulgação; 3 – construção da expografia e acompanhamento das visitas durante o período de realização da mostra; 4 – avaliação das etapas da mostra e dos processos formativos de modo a desencadear ações e reflexões nas disciplinas de Laboratório em ensino de História, Estágios Supervisionados e o ensino de História Regional e Local, tendo como foco as narrativas históricas circulantes sobre as Minas Gerais e o Vale do Jequitinhonha.

Assim, ao propor os objetivos da ação a partir de momentos formativos, entendemos que estes possibilitaram aos/as discentes do curso de História situações de aprendizagens nas quais tiveram a possibilidade de significar e ressignificar os conhecimentos científicos em diálogo com os conhecimentos populares presentes nas obras, nas narrativas do fotógrafo e nos momentos de visitação do público externo.

Esse intercâmbio alimenta uma educação para as sensibilidades que considera outras formas de conhecimentos e pessoas e se distancia dos padrões hegemônicos. As sensibilidades trabalham a partir dos olhares, das experiências distintas e, sobretudo, considera o outro numa relação de reciprocidade. O ensino de História, ao assumir o compromisso para uma educação humanizadora, traz para a roda os saberes e fazeres que historicamente foram invisibilizados nas relações sociais do Ocidente.

Lori Figueiró: um colecionador de vidas

Desde que começou a fotografar, Lori Figueiró teve por princípio trazer sua visão de mundo, suas vivências em suas produções para além das leituras de livros, mas levando em conta, sobretudo, a experiência empírica, o dia a dia, as influências do cinema e de livros de fotografia. Ele se considera autodidata por não ter frequentando nenhum curso superior ou básico para aprender a fotografar, a captar o melhor ângulo com a melhor luz. O seu conhecimento foi tecido com base

no seu enraizamento no Vale. São capturas de um povo, de suas reminiscências, da sua própria infância e adolescência pelas terras do Jequitinhonha.

Lori Figueiró, natural de Diamantina, Minas Gerais, começou a trabalhar muito cedo, deixando os estudos no primeiro grau para ajudar nas despesas da família. Desde a infância, nas distâncias do Vale do Jequitinhonha, desenvolveu uma profunda curiosidade pela arte, explorando diversas formas de expressão artística. Durante os períodos em que ficava longe de casa, aproveitava os momentos de lazer para se dedicar à leitura, construindo, de maneira autodidata, uma vasta rede de conhecimentos que incluía filosofia, literatura, poesia e cinema. O contato com a obra de Guimarães Rosa, especialmente *Grande Sertão: Veredas*, despertou em Lori um interesse ainda maior pelo estudo das complexidades do universo roseano. Na vida adulta, após 30 anos atuando no comércio, decidiu seguir sua paixão pela arte e dedicar-se à fotografia. Esse novo capítulo em sua vida teve início em 2008, quando participou de uma oficina de audiovisual realizada em sua cidade natal, Diamantina. A partir dessa experiência, Lori encontrou na fotografia uma forma de expressar sua visão artística, revivendo um antigo desejo de capturar o mundo ao seu redor.

A paisagem mais rica, mais bela, é a paisagem humana! A técnica utilizada é a da fotografia tradicional “frontal, olho no olho da pessoa”, sem muitas ferramentas e com poucas objetivas. O fundamental é haver a valorização da pessoa fotografada. “Dois passos à frente, dois passos atrás”, o sujeito dominando a luz, tendo consciência de que ele é o foco principal, de que ele pode estar no ambiente mais simples possível e ainda assim ser engrandecido.

Algo fundamental em suas produções, e essencial para o trabalho, são as relações de afeto. Não é importante no primeiro contato realizar uma foto, mas estabelecer uma amizade, trocas de experiências, prosas de uma vida regadas a goles de café. Então, por último, vem o registro. É necessário tecer uma relação de confiança. Toda imagem feita é levada impressa, emoldurada, aos seus amigos. Todo livro pronto é levado, um exemplar ou mais, para as pessoas. É um movimento de troca e não de retiradas. Essas pessoas presentes nos inúmeros trabalhos de Figueiró têm nomes, endereços e vidas. Ele está em busca do anonimato, a fim de revelar tamanha riqueza.

O fotógrafo aprecia as paisagens mais simples possíveis – uma cozinha de terra batida, um fogão a lenha ou um engenho de madeira. São essas expressões de vida que compõem a sua cena. Ele nos lembra versos do poeta cuiabano Manoel de Barros (2010, n.p.) em “O apanhador de desperdícios”: “Dou respeito às coisas desimportantes / e aos seres desimportantes. / Prezo insetos mais que aviões. / Prezo a velocidade / das tartarugas mais que a dos mísseis. / Tenho em mim um atraso de

nascença”. Dos rios e montanhas que cortam os vales, muitos só enxergam aquilo que está nas reportagens, livros e pesquisas, o alto, médio e baixo Vale, nada mais do que divisões geográficas, linhas imaginárias, que dividem o real. Dão os nomes, tracejam e ainda querem contar a História em números, gráficos e tabelas sem ver as estórias. Lori é um colecionador de vidas, de gente e de sorrisos. Capta aquilo que muita gente não vê. Ele capta o povo e suas estórias.

Caminhos metodológicos

A orientação metodológica para proposição da exposição de Lori Figueiró seguiu pressupostos expressos no Projeto História das Gerais: olhares para além das Minas e alinhou-se à perspectiva dos jogos de escalas – uma apropriação feita pelo historiador francês Jacques Revel (1998) como fundamentação teórica e metodológica das pesquisas em microanálise, pressupondo que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, mas modificar sua forma e sua trama. A escolha dos jogos de escalas como referencial teórico-metodológico implica reconhecer as dimensões variadas que compõem as narrativas históricas em seu exercício de definição de espaços e identidades. Assim, para serem compreendidas, precisam ser visualizadas em sua singularidade e analisadas em suas interconexões, ou seja, considerando-se seu tempo de elaboração, sua natureza, sua finalidade, as formas de circulação, os sujeitos envolvidos, entre outros aspectos.

Pensar as narrativas da História regional/local sobre Minas Gerais na perspectiva dos jogos de escalas é reconhecer que, na elaboração de sentidos históricos e identitários, há diferentes dimensões em disputa, como, por exemplo, o paradigma de escrita de uma História nacional a serviço de uma identidade nacional e as experiências sócio-históricas que se desenrolam na esfera do regional como substrato particular dessas narrativas. Paul Ricouer (2007, p. 221) também se debruça sobre a questão das variações de escalas de análise, destacando que “não são os mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escalas, mas conexões que passaram despercebidas na escala macro-histórica”. A aposta, então, é que variar as escalas, considerando o jogo estabelecido entre elas, pode possibilitar a identificação de modelos de interpretação que circulem e reforcem compreensões cristalizadas sobre as Minas Gerais, seus territórios, suas gentes e suas histórias.

O conceito de modelos de interpretação também é apropriado ao trabalho de pesquisa e ensino proposto no projeto e na ação de extensão. Esses modelos orientam formas coletivas de organização e partilha do social. Nessa perspectiva,

a ideia de modelos de interpretação possibilita problematizar como determinadas representações, sejam imagéticas ou narrativas, tornam-se canônicas na composição narrativa dos diferentes estados brasileiros, corroborando processos de identificação que se vinculam aos territórios regionais e ditam, assim, uma determinada identidade do coletivo que ali habita.

Nessa perspectiva, modelos de interpretação circulam e são partilhados na sociedade com o objetivo de estabelecer consenso e coesão entre as relações individuais e sociais no coletivo. Há, nesse quesito, ideias que resistem com força no senso comum, que se assentam e são legitimadas por modelos de interpretação. Afinal, o saber histórico partilhado nas relações sociais circula também por meios não acadêmicos, no âmbito da chamada História Pública (Almeida; Rovai, 2011), e configura uma forma legítima de saber e posicionamento sobre o passado. São dessas partilhas disparadas por televisão, cinema, músicas, telejornais, espaços de educação patrimonial, espaços de patrimônio, culturas *hip hop*, *stand up* e mais uma infinidade de redes de troca mais o ensino de História no espaço escolar que consolidamos formas de “ver o outro” em suas diferentes regionalidades. Essas representações que vinculam uma região à ideia que se faz sobre ela circulam por diferentes saberes históricos partilhados em sociedade. Representações que não se encontram engessadas pelo saber histórico escolar, tampouco pelas narrativas dos livros didáticos. Mesmo porque a História e as representações sobre ela não são monopólio de historiadores/as em seus diferentes campos de atuação. Há aqui um movimento de trocas, sendo difícil localizar seu início, ou mesmo suas origens. Mas há como problematizar seus reflexos.

Os pressupostos metodológicos que orientam essa ação de extensão assentam-se nas reflexões acima expostas e orientam nosso olhar investigativo na perspectiva dos jogos de escalas para os modelos de interpretação sobre a História das Minas Gerais e suas gentes, particularmente as que ocupam e definem as territorialidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Essa elaboração foi estabelecida a partir de estratégias como levantamento bibliográfico e de produções audiovisuais; análise de materiais didáticos de diferentes temporalidades; seminários, debates e reflexões teóricas; mapeamento sobre a História e o patrimônio cultural local; preparação e desenvolvimento de oficinas para o Ensino Médio; avaliações processuais; sentidos de outras narrativas produzidas de maneira partilhada entre os diferentes sujeitos envolvidos nesta pesquisa; e ação de extensão.

A exposição “Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha” é entendida como parte dessas reflexões e proposta como uma prática socialmente legítima e uma competência estética estruturada ligada ao projeto de pesquisa em

andamento. A proposta envolve a formação efetiva de um público de exposições composto pela comunidade universitária e pela comunidade externa. A exposição cria uma oferta de formação cultural de arte. Sediada no espaço Ágora da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, essa ação ofereceu condições efetivas de acesso e conhecimento de estudantes e docentes da cidade de Diamantina ao campus JK e a uma produção cultural altamente qualificada, tomando como referência metodológica o “jogo de escalas” proposto por Jacques Revel (1998) como sistemática de acompanhamento e avaliação.

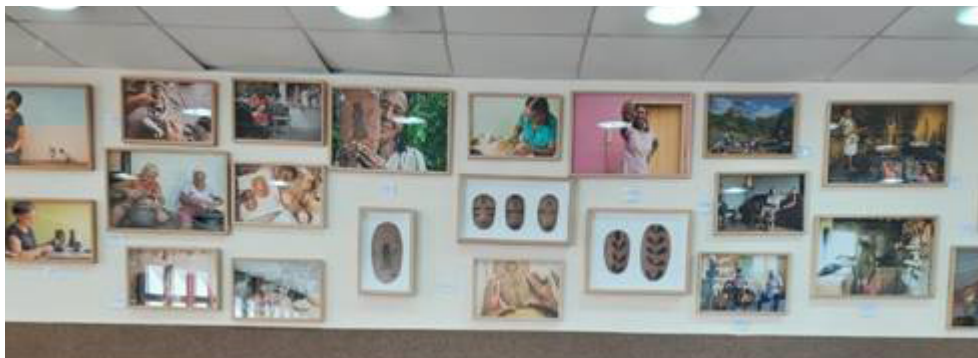
Da interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade

A exposição “Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha” permitiu à UFVJM dialogar com a comunidade acadêmica e com a sociedade de modo a se legitimar em relação à inserção no contexto social, político e econômico nos vales, cumprindo assim sua função social. O Vale do Jequitinhonha, dividido em Alto, Médio e Baixo, abriga uma população de aproximadamente 940 mil habitantes e tem por característica um intenso fluxo migratório, pequena oferta de emprego e baixa taxa de urbanização. Seu Produto Interno Bruto (PIB) representa menos de 2% do montante do estado de Minas Gerais. As potencialidades regionais são pouco ou inadequadamente exploradas, o que amplia o quadro de exclusão social, econômica e política. Lori Figueiró dialoga com esse território e nos apresenta, por meio de suas fotografias, reflexões sobre a vida de pessoas comuns, trazendo ao público outros olhares sobre essa realidade social.

Nesse sentido, a fotografia de Lori Figueiró permitiu a correlação prática entre interdisciplinaridade e interprofissionalidade, devido à captura e ao reconhecimento da diversidade geográfica e cultural presente no Nordeste de Minas. A exposição colaborou para práticas que podem viabilizar a interdisciplinaridade, destacando ações de integração e colaboração na formação docente e discente. Dessa forma, os olhares de Lori Figueiró nos direcionaram para um diálogo com distintos setores da sociedade, a produção de conhecimentos socialmente relevantes e a formação acadêmica articulada com demandas sociais e pesquisa. A organização da exposição mediante sua concepção, montagem e avaliação constitui-se em um momento de consolidação das ações de ensino, pesquisa e extensão ao promover concepções e práticas institucionais próprias da função da universidade.

As experiências de visita: entre representações e avaliações

Figura 1 – Exposição “Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha”



Fonte: Acervo de Guilherme Silva (2022).

A concepção, montagem e avaliação da exposição (Figura 1) ficaram sob a responsabilidade de um grupo de estudantes do curso de Licenciatura em História e foram realizadas levando em consideração os temas da obra de Lori Figueiró. Foram reunidas as obras que dialogavam com os ofícios, como o das tecelãs e o das artesãs que trabalham com o barro. No espaço central, foram colocadas obras da artista Lira representando seus trabalhos com máscaras de argila. Nas duas paredes laterais foram dispostas telas com festas populares e montado um cantinho para bordados e costuras com obras representando este ofício.

A curadoria contou também com uma participação extremamente especial de Vanderlei, conhecido carinhosamente entre os/as estudantes como Seu Vanderlei. Ele está sempre presente em nosso cotidiano, seja para receber os/as estudantes e suas mudanças ou para ajudar a carregar as malas de livros e de experiências na hora da partida. Seu Vanderlei é uma espécie de “faz-tudo”, como ele mesmo se nomeia. Em julho de 2022, além de furar as paredes com sua habilidade exímia, Seu Vanderlei descobriu-se curador. Entre um quadro e outro, passava seu olhar, seguido de uma opinião: “Tá muito reto, tem que deixar mais solto, mais desalinhado”, “As mulheres fazendo boneca ficam melhor perto das que fazem o jarro” e por aí afora. Seguimos suas recomendações, acatadas com muito gosto.

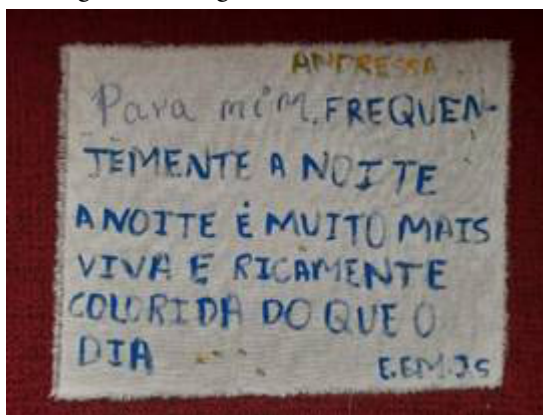
Além de descobrir-se curador, Seu Vanderlei conheceu de perto o que tanto fazem os/as meninos/as que ele ajuda na cidade. Subiu a serra e chegou no alto do morro, onde ficam os “cabeçudos”, como ele gosta de chamar quem estuda. Entre olhares de reconhecimento pelo *campus* e certa admiração pelas dimensões

dos prédios, Seu Vanderlei disse que prefere ficar “lá embaixo”, junto das pedras. Ao final, ele nos perguntou como fazia para ter um quadro desses que ele estava “pendurando”. Explicamos que tínhamos que falar com o fotógrafo, para ver a possibilidade de aquisição. Seu Vanderlei não sabe que, para nós, os “cabeçudos”, ele é a materialidade do quadro e do Vale.

Dois grandes temas estiveram presentes na exposição: a “sacralização do cotidiano” e os “afloramentos”. Lori Figueiró nos aproxima das casas e das pessoas de maneira generosa: seus quadros são culturais, sociais e conceituais e nos ajudam no aprendizado do pequeno, da roda-viva e das rodadas que a vida dá. As fotografias são uma visão de mundo e sofisticados códigos que nos lançam em uma comunidade de sentido capaz de suspender a realidade imediata de cada sujeito e torná-los aceitos em outra realidade social durante a exposição. A imprecisão, a incerteza e a vida cotidiana colocadas como vida pública permitem que o sentido social aconteça.

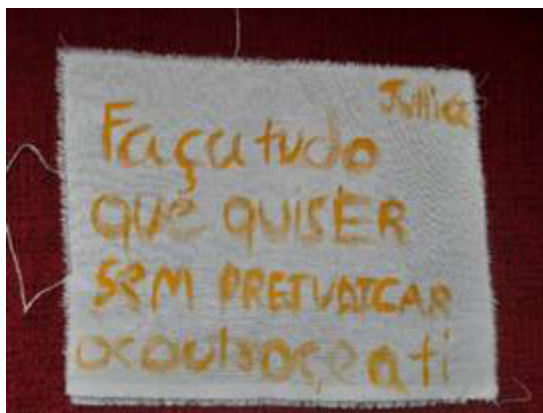
Ao pensar o educativo da exposição, traçou-se um diálogo com John Dewey, que nos conduziu à elaboração de um espaço de interação entre o/a visitante e as obras expostas, por compreendermos a arte como experiência. Dewey (2010) define a arte como um processo de fazer, logo, ela conduz e estimula a criação. Dentro dessa perspectiva, Ana Mae Barbosa, em meados de 1980, aponta caminhos para pensarmos a arte e educação a partir da sua proposta de triangulação, que consiste em situar historicamente estudantes, visitantes, o fazer artístico e a apreciação da arte. Aliado a essas propostas, consideramos a transversalidade entre os saberes históricos, artísticos e populares, que foram estampados por meio da pintura e do bordado ao longo da exposição pelos seus/suas visitantes, como mostram as Figuras 2 e 3.

Figura 2 – Registro dos/as visitantes I



Fonte: Acervo de Guilherme Silva (2022).

Figura 3 – Registro dos/as visitantes II



Fonte: Acervo de Guilherme Silva (2022).

A interação com os/as visitantes foi marcada pela apropriação e expressão de sentimentos a partir da exposição. Ao final da apresentação de vários quadros pelos mediadores e da constituição de narrativa sobre as diversas fotografias, foram distribuídos pequenos pedaços de tecido, tintas e linhas para que pudessem expressar suas impressões da exposição. A intenção era juntar esses retalhos em uma única materialidade e sistematizar essas expressões dos/as visitantes.

“Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha” como práticas de formação docente no ensino de História

Essa ação de extensão permitiu a imersão efetiva e reflexiva dos/as estudantes de graduação na concepção, montagem e avaliação da exposição. O trabalho possibilitou a apropriação de conhecimentos multidisciplinares, o diálogo com experiências museais e uma atuação prática de construção de interação com o público visitante. Ficou também sob a responsabilidade dos/as estudantes curadores a preparação com ações de divulgação e apoio durante a exposição e a partilha das experiências ao final do processo. O impacto final foi um amadurecimento reflexivo e a proposição de novas práticas pedagógicas. A formação dos/as estudantes se deu por meio de um protagonismo que causou impactos teóricos e práticos em seus percursos formativos.

As visitas foram conduzidas pelos/as estudantes ligados ao Projeto de Extensão e destacavam algumas das fotografias para exploração. Após a exploração das imagens de forma dialogada, os/as visitantes eram convidados/as a deixar suas impressões em pequenos retalhos de tecido. Os/as estudantes de uma escola de Itamarandiba (MG), ao visitarem a exposição, deixaram em pequenos retalhos de

tecido seus nomes e suas impressões sobre a exposição. Mensagens como “Continue a nadar”, “Estive em Diamantina e lembrei-me de você”, “Seja sua luz”, “Seja sua motivação” e “Eu estive aqui” foram pintadas em pequenos retângulos de tecido, como mostram as Figuras 2 e 3.

As impressões deixadas pelos/as estudantes são marcas do visto e do vivido. Da interação dialógica entre exposição e visitante, a exposição contribui para o direcionamento do olhar e o contato com Histórias, talvez antes não vistas em um espaço formal de educação. Na outra ponta, os/as visitantes deixam seus registros e suas narrativas, contribuindo para a vivacidade do espaço. Trata-se, portanto, de uma interação de mão dupla. Seabra (2012), em trabalhos anteriores, ao abordar a formação histórica a partir de Rüsen (2007), aponta o seguinte:

Para Rüsen (2007, p. 95) a formação histórica pode ser entendida sob dois aspectos: primeiro, como saber histórico, síntese da experiência com a interpretação e orientação para a vida prática; e, segundo, como processo de socialização e individuação que trata da dinâmica de formação da identidade histórica. O autor observa que o aprendizado histórico não acontece apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes. A formação histórica se opõe criticamente à unilateralidade, à especialização excessiva e à fragmentação do saber científico. É uma competência que articula níveis cognitivos (Rüsen, 2007, p. 95 *apud* Seabra, 2012, p. 25).

No processo da formação docente, podemos olhar dentro da mesma perspectiva. A interação provocada pela exposição desloca os/as discentes para mundos antes não vistos. Cada quadro, cada pessoa fotografada traz para a exposição narrativas distintas. Caminhos vividos dentro de uma outra lógica: enquanto o barro era torrado, muros caíam, bombas explodiam e o anúncio de uma nova ordem tomava os jornais e televisores. O saber da terra? Do tear e do arado? Onde estavam? A exposição, ao permitir a presença desses saberes em um espaço formal de educação, nos conta de um tempo que não é contado pelo saber histórico hegemônico.

A leitura de Rüsen inspira a reflexão sobre o sentido que as narrativas e exposições dos museus possuem na vida cultural de uma sociedade e como elas se transformam em saberes históricos. Ao entender como o visitante realiza movimentos que colocam em circulação os sentidos das narrativas de museus, é possível investigar mecanismos políticos e estéticos que continuam sendo selecionados nessas narrativas e que as transportam do passado para o presente (Seabra, 2012, p. 28).

Ao pensar a formação docente diante dessas questões, sobretudo a partir do curso de Licenciatura em História no diálogo com a extensão universitária, deparamo-nos com a potência existente entre o ensino e a extensão, bem como sua importância para o acesso a outros tipos de saberes.

Ao discutir sobre o aprendizado histórico e a apropriação histórica pelo presente no sentido de uma memória viva, o próprio Rüsen indica que a história faz parte da cultura política e se apresenta como elementos identitários e nacionais. Para o autor as diretrizes curriculares para o ensino de história, os monumentos e as exposições são exemplos dessa dimensão histórica vivida de forma não escolar. (Seabra, 2012, p. 27).

A formação pode e deve ocorrer para além do quadro e das cadeiras enfileiradas. O conhecimento também se dá na interação com outros suportes e abordagens do saber. Dá-se na captura de um pilão de farinha “pendurado” em uma parede, por exemplo. No manuseio do couro (Figura 4), que a modernidade o ameaça com seus cavalos motorizados, na canoa (Figura 5) que atravessa de margem a margem, ignorando os grandes blocos de cimentos, fazendo da travessia algo ligeiro, deixando para trás a vista do sol poente, que forma nas águas grandes espelhos do mundo. Que História você tem visto?

Figura 4 – O fazer do couro²



Fonte: Figueiró, Lori (2014). Sebastião Roque, Araçuaí, novembro de 2013.

Figura 5 – O barqueiro



Fonte: Figueiró, Lori (2014). Nuno Alvez, Coronel Murta, MG. Setembro de 2012.

Luis Fernando Cerri (2009), ao explorar a relação entre o ensino de história e as concepções historiográficas, argumenta que o ensino não deve ser limitado a uma simples transmissão de informações ou conteúdos historicamente estabelecidos. Em vez disso, ele propõe que o ensino de história seja visto como um processo de criação e reconstrução contínua de conhecimento. A história ensinada nas escolas, segundo Cerri (2009), deve ser mais do que um reflexo da historiografia; deve envolver os alunos ativamente na produção de sentido histórico, onde o aprendizado é concebido como um ato de colocar saberes novos em diálogo com os já existentes. Essa perspectiva transforma o papel do professor e do aluno, promovendo uma relação de aprendizagem em que ambos participam de maneira ativa na construção de conhecimento histórico, em vez de meramente reproduzir conteúdos pré-estabelecidos.

Essa abordagem é especialmente relevante no contexto de projetos educativos que utilizam recursos visuais e culturais, como a exposição “Olhares de Lori Figueiró – Desde o chão do Jequitinhonha”. Ao incorporar as fotografias e narrativas visuais na sala de aula, os educadores não estão apenas apresentando informações estáticas sobre o passado, mas estão criando oportunidades para que os alunos se envolvam criticamente com o material, interpretando e reinterpretando as imagens a partir de suas próprias perspectivas e experiências. Isso não só amplia a compreensão histórica dos alunos, mas também os capacita a construir suas próprias narrativas sobre o passado, reforçando a ideia de que o conhecimento histórico é

uma construção coletiva e dinâmica, constantemente renovada pela interação entre diferentes sujeitos e contextos (Cerri, 2009).

Ao partilhar essa visão de Cerri (2009), a exposição não apenas serve como um recurso didático, mas se torna um espaço de diálogo e construção de conhecimento, onde a história é vivenciada e reinterpretada continuamente pelos alunos. Dessa forma, a experiência educativa transcende a transmissão de fatos, tornando-se uma prática engajada e transformadora, que conecta o passado ao presente de maneira significativa e relevante para os estudantes.

Algumas considerações

Lori conhece cada pessoa fotografada. Ele conversa com cada uma e é amigo delas. Volta para compartilhar as imagens capturadas e fazer a devolutiva aos retratados.

Durante a exposição foram dois encontros com o artista. O primeiro, na abertura da exposição, quando contou a história de alguns retratados; o segundo encontro, quando conversou de maneira mais aprofundada sobre seu processo criativo. A curadoria da exposição realizada pelos/as estudantes da Licenciatura em História possibilitou aprendizados sobre a obra de Lori, sua visão da temporalidade e as visões sobre os sujeitos do Vale do Jequitinhonha. Em geral, são retratados homens, mulheres e crianças em seus momentos de trabalho, nas festas religiosas e nos afazeres domésticos. Lori entra nas casas e retrata seus interiores cercados de imagens. Um cotidiano sagrado, uma vida plena de sentimentos.

Ao adentrar na universidade acompanhado dos seus/suas amigos/as, do seu povo, ele revelou um outro Vale, ele mostrou aos “cabeçudos” a importância do olhar. Por meio das suas capturas, que são reflexos de vidas, trouxe outras perspectivas para a formação dos/as futuros/as docentes, que, no cotidiano da sala de aula, encontrarão centenas de histórias e estórias, que a História não conta. Ao Ensino de História, ele ensinou que é preciso estar “frontal, olho no olho da pessoa”, sem muitas ferramentas e com poucas objetivas. “Dois passos à frente, dois passos atrás.” O sujeito dominando a luz, tendo consciência de que ele é o foco principal

Referências

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CERRI, Luis. Fernando. Ensino de História e concepções historiográficas. **Espaço Plural**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 149-154, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/2467>. Acesso em: 4 set. 2024.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FIGUEIRÓ, Lori. **Reflexos ao calor do Vale**. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2014.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SEABRA, Elizabeth A. D. **Visitas de estudantes a museus: formação histórica, patrimônio e memória**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Notas

- ² As Figuras 4 e 5 fizeram parte da exposição aqui apresentada.